



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

TAMIRES LIMA GUIMARÃES

O BULLYING E O PAPEL DAS ESCOLAS PÚBLICAS

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

TAMIRES LIMA GUIMARÃES

O *BULLYING* E O PAPEL DAS ESCOLAS PÚBLICAS

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Érica Aparecida Kawakami Mattioli.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

TAMIRES LIMA GUIMARÃES

O *BULLYING* E O PAPEL DAS ESCOLAS PÚBLICAS

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Aprovada em: 29/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a *Érica Aparecida Kawakami Mattioli*

(Orientadora)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

Prof. Dr. *Marlon Marcos Vieira Passos*

(Examinador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

Prof. Dr. *Erivelto Santiago*

(Examinador)

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB UFSCar

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	O QUE É O <i>BULLYING</i> ?	6
1.2	POR QUE OCORRE O <i>BULLYING</i> E QUAIS OS TIPOS DE AGRESSÃO?	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1	QUAL O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO <i>BULLYING</i> ?	10
2.2	<i>BULLYING</i> ENTRE MENINOS E MENINAS	11
2.3	O QUE DIZ A LITERATURA ACERCA DO PAPEL DOS PROFESSORES MEDIANTE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA?	12
3	OBJETIVOS	14
3.1	OBJETIVO GERAL	14
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
4	JUSTIFICATIVA	14
5	METODOLOGIA DA PESQUISA	15
6	CRONOGRAMA	20
	REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, estão cada vez mais frequentes as situações de violência física e psicológica entre os alunos das escolas. Embora reunindo distintas expressões de agressões e violências, que podem ser resultantes de racismo, rejeição e ódio às ditas minorias sexuais, homofobia, xenofobia, gordofobia, entre outras determinantes, elas têm sido comumente agrupadas sob a expressão *bullying*. Sabemos que o termo, pelo seu excesso de generalização e abrangência, acaba por promover um certo apagamento e imprecisão às distintas expressões de violência no contexto escolar. No entanto, mantivemos seu uso nesse trabalho, ao menos inicialmente, pela recorrência com que o mesmo tem sido utilizado na literatura relativa à violência nas escolas.

O *bullying*, assim, ocorreria quando um estudante é exposto a ações negativas, inferiorizantes, agressivas, hostis e violentas advindas de outros estudantes, e isso acontece em todas as dependências da escola como dentro das salas de aula, no pátio, nos banheiros, nos corredores, etc.

Podemos definir violência como uma ação ou comportamento que causa algum tipo de dano à outra pessoa. A violência nega ao outro a autonomia, a integridade física ou psicológica, reconhecimento corporal, cultural e de identidade e até mesmo o direito à vida e à circulação e movimentação no mundo social. Também pode ser entendido como violência o uso da força, além do necessário ou esperado (CANDAU, LUCINDA E NASCIMENTO, 1999).

Para Fante (2005), o fim da violência constitui-se num dos maiores desafios legados ao século XXI:

Um dos maiores desafios da humanidade, postergado ao século XXI, é o de extirpar as principais causas que ameaçam a construção da paz, dentre as quais se destaca a violência. Infelizmente, estamos vivendo uma época da história em que a violência se torna cada vez mais presente em todos os segmentos sociais (FANTE, 2005, p. 20).

Segundo Constantini (2004), o *bullying* refere-se a um comportamento que vai da agressividade verbal à física e psicológica. É uma ação que pode ser praticada individualmente ou em grupo por intimidadores que confrontam uma vítima. O *bullying* pode ser caracterizado por maus tratos de uma forma direta ou indireta, essa atitude ocorre quando um ou mais integrantes de um grupo escolhe uma vítima à agressão, que pode ser de ordem

física, corporal, moral, sexual, psicológica, virtual e verbal. Geralmente, essas atitudes contribuem para a exclusão social e evasão escolar da vítima.

1.1 O QUE É O *BULLYING*?

O *bullying* é um termo utilizado na literatura psicológica anglo-saxônica para designar comportamentos agressivos e anti-sociais. “Bully” pode ser traduzido como “valentão”, “tirano”, “brigão”. Enquanto verbo, “*bullying*”, significa “tiranizar”, “amedrontar”, “brutalizar”, “oprimir”. O termo é conceituado universalmente como um conjunto de 87 atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, e que são adotadas por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e problemas psicológicos e tornando possível a intimidação da vítima (FANTE, 2005, p. 24-25).

O *bullying* é tomado como agressão que pode relacionar humilhações racistas ou separatistas, aplicável para grupos de todos os tipos. Na sua expressão, pode estar se cruzando diferentes marcadores de diferença, como classe, raça, gênero, sexualidade, região, escolaridade, corporalidade, linguagem, nacionalidade, entre outros para inferiorizar, ridicularizar, ofender, deslegimitar, silenciar e machucar.

Gostaríamos de ressaltar que identificamos a necessidade de ampliar a discussão e a própria compreensão da violência na escola, tendo em vista a violência que atravessa a sociedade contemporaneamente. Não podemos pensar, portanto, a violência na escola, sem considerar o que pode significar e o que resulta viver numa sociedade em que cotidiana e sistematicamente determinados grupos sociais são violentados. Essa violência vai desde a não garantia de direitos fundamentais, como ao território ancestral, à ameaça constante a sua existência, à possibilidade de viver em comunidade e nela gerar produção para a continuidade da vida, como acontece aos quilombolas, povos indígenas, ribeirinhos, marisqueiras, por exemplo, violentados pelos grandes empreendimentos como petroleiras, usinas hidrelétricas, latifundiários do agronegócio, mineradoras, marinha e exército nacional.

A violência também se constitui quando há impossibilidade de existir em plenitude religiosa, corporal, sexual, de gênero, cultural. Contemporaneamente, sobretudo em nosso contexto, a violência tem sido ainda mais explicitada como política de estado, de extermínio, de constituição de barreiras à movimentação social de determinados grupos sociais, de perseguição na forma de encarceramento, empobrecimento extremo, desemprego crônico, humilhação e ridicularização social e genocídio.

Dado o limite dessa construção de projeto, reservamos, contudo a discussão da violência nas escolas, apresentando o que tem sido considerado como bullying e suas expressões na escola, mas evidenciamos que ela será alargada e ampliada no decorrer da pesquisa, buscando a literatura pertinente no campo da produção da violência em suas várias dimensões (social, política, econômica, cultural, corporal, entre outras).

Do ponto de vista subjetivo, a prática da violência pode causar traumas psicológicos, físicos e emocionais nas vítimas, chegando a provocar adoecimento, ou a indução de soluções trágicas como a automutilação e até o suicídio. Sendo assim, afeta, no caso de crianças e adolescentes, o rendimento escolar e a sociabilidade dos alunos. O *bullying* é prejudicial à integridade e personalidade humana, e deve ser resolvido como qualquer outra violência moral ou física.

Em análise de estudos que investigaram as relações entre *bullying* e problemas de saúde, Gini e Pozzoli (2009) identificaram que tanto as vítimas quanto os agressores apresentam maior risco para os chamados sintomas psicossomáticos (dores de cabeça, nas costas, problemas para dormir e baixo apetite, por exemplo), em comparação a crianças não envolvidas em episódios de *bullying*.

1.2 POR QUE OCORRE O *BULLYING* E QUAIS OS TIPOS DE AGRESSÃO?

As causas do *bullying* não estão apenas nas crianças, mas nas crenças e valores que são compartilhados socialmente em nossa cultura, a existência ou não da violência na escola vai depender do que é culturalmente motivado pela mesma.

É preciso considerar que a própria escola pode ser uma instituição violenta na medida em que discipliniza corpos e saberes (como já discutis Foucault *apud* SOUZA *et al*, 2007), reforça normas e padrões de branquitude, de classe média, de heteronormatividade, do catolicismo, do machismo, do capitalismo exacerbado e consumo, de beleza, de grandeza e verdade, por exemplo. Também quando os espaços da escola não permitem o reconhecimento da autoria das crianças e jovens que, portanto, não se sentem sujeitos nesse espaço, não criam vínculos de pertencimento e de identificação com os currículos, nem experiências de acolhimento, de confiança, de humanização, a escola os violenta. Não por acaso não tem sido incomum a expressão de violentas reações por parte de crianças e jovens a essa instituição.

Algumas atitudes e palavras podem representar a ação de *bullying*, as mais frequentes têm sido apontadas na literatura (STAUB, 2001) como:

- Formas verbais: apelidos, insultos, ofensas, manifestação de “piadas” \desqualificações;
- Formas físicas: bater, chutar, atirar objetos contra a vítima, estragar sistematicamente os pertences da vítima;
- Psicológicas e morais: humilhar, irritar, ridicularizar, isolar, discriminar, passar bilhetinhos e desenhos de caráter ofensivo;
- Formas sexuais: abusar, violentar, essa agressão acontece quando o estudante é violentado por um ou mais “colegas” ao mesmo tempo;
- Formas virtuais: em que os agressores utilizam os meios tecnológicos como a internet para compartilhar rapidamente calúnias, imagens que expõem as vítimas.

Essas atitudes estão cada vez mais frequentes no meio escolar e diante de todos esses ataques habituais, “na maioria dos países onde o fenômeno é estudado, os maus-tratos verbais, por meio de apelidos depreciativos, são os mais incidentes” (FANTE e PEDRA, 2008, p.45).

Atos de violência trazem muitas consequências negativas para os autores e, principalmente, para as vítimas que podem ter sua formação social e emocional profundamente afetada. O comportamento agressivo entre estudantes é um problema internacional que geralmente é admitido como algo natural e frequentemente ignorado pelos adultos. Estudos realizados nas duas últimas décadas mostram que a prática do *bullying* pode ter consequências negativas imediatas ou tardias para todas as crianças e adolescentes envolvidos direta ou indiretamente nessa prática (LOPES NETO, 2005).

A vítima, por sua vez, fica cada dia mais isolada de seus colegas, se sentindo excluída e rejeitada pelos grupos que não querem ninguém “fraco” ou “indefeso” ou fica retraído por medo de se tornarem o próximo alvo.

O *bullying*, segundo Pereira (2002), representa uma forma muito séria de comportamento antissocial que pode prejudicar o desenvolvimento da criança, tanto imediatamente como em longo prazo. Constantini (2004) explica que as agressões que ocorrem entre os estudantes, ou conflitos de característica violenta não são normais, mas são verdadeiros atos de intimidação, ameaças, que são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem e que leva na maioria das vezes a uma condição de sofrimento psicológico, isolamento e marginalização.

Essa prática ofende os princípios morais dos envolvidos, por isso podem ser tomadas atitudes judiciais para punir os praticantes e as escolas podem ser responsabilizadas por atos cometidos e negligenciados.

Essas observações motivaram-me a estudar o tema, conhecer de modo mais preciso as expressões de violência na escola: Como elas se dão? Como se expressam? Quem pratica a violência e por quê? Pretendo, igualmente, investigar qual a atitude adotada pela escola em relação ao *bullying*, isto é, qual o nível de conhecimento dos profissionais que atuam na escola e quais intervenções costumam adotar para se não eliminar, minimizar este comportamento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No contexto escolar, cabe ao corpo docente da escola, os pais e as crianças, relatar de que forma o *bullying* se manifesta e porque algumas crianças em tal contexto específico acabam se tornando vítimas, agressoras e observadoras. Vale ressaltar a importância de a escola reconhecer que a violência é um problema social e, ao mesmo tempo, reconhecer que seu papel é fundamental para a sua redução. Além disso, é necessário organizar uma rede de apoio, mantendo parcerias com conselhos tutelares, delegacias da Criança e do Adolescente, promotorias públicas, varas da Infância e Juventude, promotorias da Educação, dentre outros (FANTE e PEDRA, 2008).

É importante ressaltar que a escola é também um ponto de referência social, o lugar de fazer amigos. Nela os estudantes se encontram, produzem relações e identidades, experimentam possibilidades, jogam, brincam e conversam. Olhando de fora, pode parecer apenas jovens em intervalo, mas muitas vezes não é o que parece.

Os estudos no campo da relação escola e a família apontam que estas instituições devem trabalhar em parceria, considerando que a escola complementa a educação familiar.

A preocupação com a violência no ambiente escolar, segundo Spósito (2001), emergiu nos estudos acadêmicos brasileiros a partir da década de 1980, ou seja, parece que a preocupação com a barbárie e o compromisso da educação contra a violência são muito recentes no Brasil.

Ainda há muito a ser feito para a construção da cultura de paz nas escolas, para a qual é necessária uma compreensão densa da complexidade do fenômeno da violência nesse

contexto e um olhar crítico sobre os processos desenvolvidos na escola. Os pais, a família, a escola, especialmente, os professores, são de extrema importância na mediação da construção de relações entre todos, eliminando assim as violências no contexto escolar.

Como vimos, o *bullying* é um assunto a ser tratado com muito cuidado e jamais descartado ou ignorado, pois muitos se referem a esse fenômeno como uma “brincadeira”, porém, uma criança ao ser agredida pode vir a desenvolver intensos transtornos, dentre outras consequências severas.

2.1 QUAL O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO *BULLYING*?

Fante e Pedra (2008) comentam que a partir do momento em que a violência entra na escola, muitos professores se perguntam: o que fazer? Os autores sugerem algumas medidas e procedimentos diante do problema identificado, o *bullying*. No primeiro momento é preciso reconhecer que a violência é um problema social e que a escola tem o papel fundamental na redução por meio de ações e programas preventivos buscando parceria com as famílias dos estudantes.

Segundo Neto (2006), a escola deve ouvir e dar atenção às reclamações e denúncias dos alunos quando estes se referem à violência. Além disso, a escola deve fazer um registro de toda e qualquer reclamação identificando os agressores e vítimas do fato, após o registro deve-se dar atenção à frequência com que essas agressões têm acontecido. Torna-se importante comunicar o que se tem observado aos responsáveis pelas instituições, diretores e coordenadores pedagógicos para que os mesmos tomem providências diante dos fatos ocorridos.

Para Minayo (1999), uma escola ideal é exatamente aquela que favorece um ambiente de formação para a cidadania:

É aquela que respeita e estimula os alunos a pensar. São escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social e, assim, cumpre importante papel socializador (p.114).

A escola tem formas de minimizar as ocorrências de violência, por exemplo, criando programas de intervenção antibullying, encarando e aceitando as situações de *bullying* como uma realidade, deve-se informar também aos pais os esforços que estão sendo feitos para prevenir e as intervenções necessárias. É importante também ouvir os alunos sempre com

disposição de ajuda na resolução de seus conflitos, somente assim é possível que os alunos quebrem as barreiras que os impedem de identificar atos e práticas de violência e denunciá-los.

O papel da escola e da família onde se inserem crianças e adolescentes é fundamental na contribuição da descoberta do sujeito, isso também se faz necessário para que se possa conhecer quem está ao seu lado, desta forma compreendendo e respeitando as diferenças e atitudes do outro (FANTE E PEDRA, 2008). Na escola, portanto,

É indispensável uma relação respeitosa entre alunos e professores, de forma a garantir possíveis trocas de ambas às partes e liberdade de expressão aos alunos. Muitas escolas promovem atividades e jogos em grupo como rodas de conversas, nas quais os alunos possam expor suas ideias sobre diferentes assuntos, incluindo violência, preconceito e exclusão (GUARESCHI, 2008, p. 77).

2.2 BULLYING ENTRE MENINOS E MENINAS

Ao longo dos anos, a agressão e a violência têm sido consideradas, de um modo geral, um fenômeno tipicamente masculino. Quando nos deparamos com as diferentes manifestações de violência, de fato, tendemos a levar o nosso olhar para o sexo masculino. Esse olhar foca nas manifestações de comportamento agressivo, nesse sentido, os primeiros trabalhos de investigação sobre o *bullying* acabaram estabelecendo a forte relação entre agressão e gênero masculino.

Na literatura, encontram-se pesquisas que afirmam que o *bullying* sofrido pelos meninos é diferente do das meninas. As meninas apresentariam estratégias de agressividade como agressão verbal, fofocas, apelidos e exclusão do grupo. Já os meninos seriam mais agressivos fisicamente, e usariam também a ameaça verbal e geralmente agrediriam ambos os sexos (OLWEUS, 2003; TRAUTMANN, 2008; MARTINS 2009). No entanto, essa observação não é um consenso entre os pesquisadores. Lisboa (2005, p.20), aponta que, na realidade,

as diferenças entre os gêneros estão na forma de expressão da agressividade e não na função ou motivação da mesma. Não há razão ou evidência para acreditar que as mulheres são menos propensas a demonstrarem comportamento agressivo que os homens. As formas de comportamento agressivo podem estar relacionadas à aprendizagem social, considerando o papel social atribuído às mulheres nas culturas ocidentais.

2.3 O QUE DIZ A LITERATURA ACERCA DO PAPEL DOS PROFESSORES MEDIANTE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA?

Quanto aos professores, Fante e Pedra (2008, p.106) destacam que estes têm um papel importante na prevenção, estes autores aconselham que os professores:

- Observem com atenção o comportamento dos alunos, dentro e fora de sala de aula, e perceba se há quedas bruscas individuais no rendimento escolar;
- Incentivem a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças através de conversas, trabalhos didáticos e até de campanhas de incentivo à paz e à tolerância;
- Desenvolvam, desde já, dentro de sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre alunos;
- Procurem imediatamente a direção da escola mediante reclamação ou denúncia de violência;

Muitas vezes, a instituição trata de forma inadequada os casos relatados. A responsabilidade é, sim, da escola, mas a solução deve ser em conjunto com os pais dos alunos envolvidos. A escola de maneira nenhuma pode ficar indiferente ao tema e nem naturalizar os fatos, como se fosse apenas uma “brincadeira” e, nesse caso, é importante que se trabalhem no contexto escolar temas como *bullying*, agressividade, violência dando oportunidades aos alunos de discutirem o assunto e falar de suas experiências. “O mestre tem que estar preparado para falar de temas como violência. Ele deve saber quais são os problemas de seus alunos e estar preparado para, pelo menos na escola, ajudá-los, conquistando assim o respeito deles” (CANDAUI, 2002, p. 155).

Para Vygostky (1989) as atividades mediadas são importantes no desenvolvimento do psicológico humano, então é possível compreender que o individuo se transforma através do processo educacional, que é mediado pelo professor na interação com os colegas.

A tese fundamental do enfoque histórico-cultural consiste em conceber que o desenvolvimento humano se constitui por meio da atividade mediada decorrente da sociabilidade, processo este que não pode ser considerado como contexto para o desenvolvimento humano, mas como elemento determinante no processo de humanização (BERNARDES, 2012, p. 34).

Isso quer dizer que a própria concepção do que pode ser a violência, as formas pelas quais podemos expressar nossas emoções e lidar com elas é constituída na relação com os

outros, e mediada pelos mais experientes. Assim, o papel dos professores é central nesse processo. A escola tem um papel essencial para a formação da maioria dos indivíduos, pois é lá que passam boa parte do seu tempo, sendo estimulados a interagir com diversas vivências que possibilitam a apropriação de conhecimentos tornando-os capazes de enfrentar problemas com maior confiança e compreensão, respeitando a si mesmo e ao outro.

É necessário, portanto, valorizar os profissionais da educação, apoiar e incentivar a formação continuada e promover a interdisciplinaridade e a transformação efetiva da sociedade, viabilizar o acesso a informações sobre a temática da violência escolar e *bullying*, estimular o diálogo e respeitar os direitos da criança e adolescente.

Faz-se necessário resgatar o papel do professor enquanto educador para contribuir na formação crítica dos estudantes, conscientes de suas responsabilidades e de seu papel social. É também importante a percepção da família e da escola no sentido de perceber a ação de educar como responsabilidade de ambas as partes que não poderão cruzar os braços diante de qualquer violência, já que a omissão ou a indiferença significa a manutenção da agressão e a sua naturalização. Alguns estudiosos apontam que a violência no ambiente escolar pode ser modificada no momento em que a relação professor e estudante passe a fazer diferença. O professor tem um papel essencial no processo de ensino e de aprendizagem, criando condições para que os alunos construam conhecimento. É preciso que o profissional que se compromete com o desafio de educar e ensinar possa também se relacionar com os estudantes de maneira a escutar, acolher, orientar, reconhecer profundamente sua humanidade, orientando-o a lidar com conflitos.

As famílias devem estar atentas ao comportamento dos filhos dentro e fora da escola, observar a relação com os professores e colegas, a frequência nas aulas, aproximando-se da gestão da escola e dos professores, de modo a poder identificar sinais de violência praticada ou sofrida pela criança ou jovem.

Os autores já mencionados contribuem para a compreensão modo geral, a escola de hoje, bem como os professores e funcionários não estão adequadamente preparados para lidar com o *bullying* e com as situações de conflitos que se constituem ou se expressam no espaço escolar.

O combate a este tipo de violência deve ser iniciado por uma mudança de percepção em relação à figura do professor e da escola e as únicas medidas eficazes a este tipo de violência, segundo esses autores, são aquelas que passam pela mobilização da família, dos

professores e alunos, na tentativa de investigar as causas para que se possa adotar medidas que visem o combate do bullying escolar.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer a percepção de professores e gestores do ensino fundamental da rede municipal de educação de São Francisco do Conde acerca do *bullying* na escola, ao mesmo tempo, identificar como concebem seu papel diante do *bullying* ou para sua prevenção.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as narrativas da equipe escolar com relação às diferentes expressões e dimensões da violência no contexto escolar;
- Identificar suas concepções acerca da violência no contexto escolar;
- Identificar como a escola tem lidado com a violência em seus espaços e quais estratégias e ações desenvolve e os resultados alcançados até o momento;
- Identificar como avaliam suas próprias ações frente ao bullying e para sua prevenção;
- Conhecer as expressões de violência na escola: quais têm sido, dirigidas a quem, praticadas por quem, por qual motivação?

4 JUSTIFICATIVA

A temática do *bullying* tem ganhado destaque em grandes pesquisas, como a realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2012, na qual foram investigados estudantes que cursavam o 9º ano do Ensino Fundamental em escolas brasileiras públicas e privadas, que apontou Brasília como a capital em que o *bullying* é mais frequente e identificado. Segundo a pesquisa, as meninas são menos provocadoras que os meninos: 15,6% das alunas disseram já ter praticado o ato, enquanto entre os meninos a proporção sobe para 24,2%.

Existem diversas maneiras de identificar estudantes vítimas de *bullying*, uma delas é quando somos testemunhas de episódios frequentes com uma criança ou adolescente ou quando as denúncias feitas por outras crianças são levadas a sério e apuramos os fatos. Porém, o maior índice de casos de *bullying* nas escolas são silenciados, ou seja, são mantidos ocultos por muito tempo. Portanto, devemos ficar atentos a determinados tipos de comportamentos e obter o maior número de informações junto a outros estudantes e aos pais quanto a mudanças que possam identificar as possíveis vítimas.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho fundamenta-se, inicialmente, no estudo ou *levantamento bibliográfico* por meio do qual buscaremos identificar na literatura a discussão contemporânea sobre a violência no meio escolar e dados que apontam a existência de prejuízos físicos e psicológicos para as vítimas de *bullying*, procurando evidenciar que no momento atual, a violência é um fenômeno que se observa com frequência em todos os domínios da nossa vida social, mas, sobretudo, será importante conhecer como o tema vem sendo abordado na literatura contemporânea, nacional e internacional.

Com esse objetivo, serão utilizados diversos materiais, como revistas científicas, livros, teses e dissertações, artigos. Primeiramente será feita uma seleção dos materiais encontrados sobre o tema, optando-se pelas fontes mais pertinentes de acordo com o objetivo da pesquisa. Buscaremos identificar os conceitos de violência no ambiente escolar procurando, assim, explorar e confrontar ideias de diferentes autores que contribuem com estudos sobre essa temática.

Em seguida, procederemos com a realização de um resumo e fichamento das obras selecionadas, seguida da discussão desse material, que servirá também para orientar a coleta de dados em campo e a análise e interpretação dos mesmos. A partir do que for encontrado na literatura será iniciado este trabalho, que se apresenta como um estudo preliminar do tema proposto. Buscaremos uma unidade social significativa em relação ao tema proposto.

A presente pesquisa pode ser compreendida como um *estudo de caso* que, segundo Meksenas (2011), vem buscar uma análise compreensiva de uma dada realidade social significativa e que possibilita a interação do pesquisador com o objeto pesquisado. Sendo assim, o estudo de caso busca estudar um fenômeno em um espaço e contexto determinado.

Esta pesquisa, particularmente, contará com a utilização de *entrevista aberta em profundidade*, *observação participante* e *pesquisa documental* como instrumentos de coleta de dados. A entrevista é importante e será um dos principais meios da coleta de dados a qual contará com a participação voluntária de professores de diferentes turmas e de ambos os sexos, e de funcionários da escola como por exemplo as coordenadoras, a diretora, e os funcionários de limpeza que estão sempre aos redores da escola. Sobre a entrevista, vale ressaltar que com ela é possível estabelecer uma relação de empatia entre pesquisador e pesquisado, que pode ampliar a compreensão sobre o que se observa, com a emergência de dados novos, “mas para isso o pesquisador deve procurar estabelecer uma relação de confiança e desenvolver uma escuta atenta e interessada que lhe permita recriar suas perguntas, ajustando-as ao objetivo da pesquisa, a partir do discurso do informante” (ZAGO, 2003).

Com a realização de observação em profundidade como instrumento de coleta de dados, pretendemos observar as relações e o comportamento entre alunos e professores de uma unidade escolar de Educação Infantil e Ensino Fundamental I (anos iniciais), no distrito de Caipe de Cima, Município de São Francisco do Conde – Bahia. A referida escola, atualmente, possui 217 alunos com idade entre 03 e 15 anos. Em termos de ambiente físico, possui 06 salas de aula e 12 turmas, divididas no turno matutino e vespertino. Cada turma tem de 15 a 23 alunos e um professor por sala, totalizando, assim, 06 professores. A equipe gestora é composta por coordenadores, diretor, vice-diretor. A escola conta ainda com o trabalho de dois agentes de apoio de Educação Infantil, secretária escolar e funcionários da limpeza, vigilância e alimentação escolar.

A escola, do ponto de vista estrutural, é considerada pequena, não tem uma área de recreação adaptada às crianças dessa faixa etária, muitas vezes, é necessário, inclusive, fazer um recreio mesclado em que sai uma turma de cada vez para brincar no pátio, ou os alunos “brincam” na própria sala de aula.

Cerca de 90% dos alunos pertencem a um pequeno povoado chamado “Casinhas”, por morarem em casas populares construídas pela Caixa Econômica Federal, por meio do programa “Minha casa, minha vida” que, junto com a prefeitura municipal, disponibilizou casas populares para famílias economicamente carentes da região. Por ser uma comunidade pequena e próxima da escola, a maioria dos alunos tem algum grau de parentesco entre si ou são bem próximos. Os pais são considerados presentes e participativos pela equipe escolar e têm fácil acesso à escola. Observamos que as crianças, comumente, dão continuidade, na escola, aos conflitos vivenciados na comunidade ou na família (brigas entre parentes, vizinhos,

dificuldades na comunidade...). Tais conflitos têm contribuído para a manifestação de agressões entre as crianças e a prática de apelidação pejorativa, rótulos que, muitas vezes, vêm da própria comunidade.

Para a realização do presente do projeto de pesquisa, demos início ao mapeamento do campo de pesquisa, como forma de construir uma compreensão inicial do objeto e do contexto da pesquisa. Inúmeros são os autores que se dedicam às categorizações e classificações de tipologias de pesquisa.

A princípio, será feita uma *pesquisa documental* junto ao material de apoio investigativo nos livros de ocorrência da escola. Nesses livros, são descritos os acontecimentos envolvendo os estudantes no interior deste ambiente. Colocar em destaque a pesquisa documental é trazer para a discussão uma metodologia que é “pouco explorada na área da educação”, como explicam Lüdke e André (1986, p. 38). O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado, pois neles podem existir informações muito importantes sobre o tema a ser pesquisado. A pesquisa documental é insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante ou não, pois não é raro que os documentos representem os vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, o documento permanece como testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008: p. 295).

Logo após, pretendemos também fazer uso da *observação* como instrumento de coleta de dados que, segundo Kinder (1987), é uma forma de pesquisa que geralmente lida com dados qualitativos, e os observadores participantes se inserem na situação de pesquisa e na vida das pessoas, no caso da observação participante, como imaginamos para esta pesquisa, em que a pesquisadora é funcionária da escola.

De fato, elas já ocorreram em parte. As observações iniciais na escola deram-se em seus diferentes espaços, como sala de aula, pátio, e nos momentos de intervalos ou recreio, que acontecem nos corredores do prédio da escola. Essas incursões iniciais foram possíveis pela condição da pesquisadora, de funcionária da instituição escolar há três anos. Nessa condição, foi possível observar mais de perto as relações e interações entre os estudantes diariamente. Pesquisadoras como Maria Helena Sousa Patto (1990) e Rocwell e Ezpeleta (2007) mostram como o cotidiano da escola e as maneiras como as pessoas o experimentam é fundamental para conhecer, de fato, a escola.

Como reconstruir, porém esta história não-documentada da escola? Sem dúvida, a historiografia oferece variadas formas de recuperá-la, a partir de novas

análises de velhos documentos até a busca na história oral e na memória coletiva (Ginzburg, 1976). Optamos por outra abordagem: analisar a existência cotidiana atual da escola como história acumulada e buscar, no presente, os elementos estatais e civis com os quais a escola se construiu. O conhecer desta realidade cotidiana apresenta, sem dúvida, diversos problemas teóricos. Como integrar na teoria o caráter inevitavelmente heterogêneo do cotidiano? Como construir categorias que liguem a historicidade do cotidiano com a história do movimento social? O propósito de compreender o cotidiano como momento do movimento social, implica o confronto com o manejo das grandes categorias sociais: classes, Estado, sociedade civil etc. Não se trata, contudo, de analisar o cotidiano como “situação” cuja explicação se esgote em si mesma [...] (ROCKWELL; EZPELETA, 2007, p. 134)

As incursões iniciais na escola, como pesquisadora, apontam a entrevista como um instrumento promissor de coleta de dados. Em uma primeira aproximação junto aos professores, percebemos certa indiferença em torno da palavra *bullying* e o seu significado, o que merece ser explorado ao longo da pesquisa, porque embora possa estar relacionada ao desuso do termo ou até mesmo discordância em relação ao seu uso, ainda assim, o termo *bullying* tem tido ampla circulação nos meios educacionais para se referir à violência nos espaços escolares. O corpo docente da escola parece não ter se apropriado do significado da expressão *bullying* e desconhecem as razões para se utilizar uma palavra específica para designar a violência entre estudantes.

Como levantamento inicial para a pesquisa, propusemos uma reunião com os professores e a diretora da instituição para apresentação do tema da pesquisa e seus objetivos, na forma de *roda de conversa*. Durante essa conversa, pudemos notar a rotulação inicial de alguns estudantes que eram vítimas de *bullying*, ou seja, alguns professores presenciaram o ato de violência, porém essa violência estava rotulada como “brincadeira” entre os alunos. Sabemos que compreender a violência como “brincadeiras” dificulta a percepção da própria violência pelos funcionários.

Durante outra conversa, agora com os funcionários da escola, observamos o desconhecimento em torno do conceito de *bullying*. Nenhum agressor foi apontado pelos funcionários. Ocorreu a rotulação somente da vítima. Segundo Campos (1997), o uso de rótulos na escola dificulta a socialização de conhecimentos acumulados. Os rótulos geram expectativas negativas e limitam as ações do educador, não contribuindo para o desenvolvimento afetivo e cognitivo do aluno.

Ao conversar sobre o assunto com os profissionais da educação, levantamos algumas questões com o objetivo de identificar o seu conhecimento a respeito do assunto e como lidavam com esse complexo fenômeno. Diante das questões: O que é o fenômeno *bullying*? Você já ouviu falar ou já presenciou? Por que acontece?, as seguintes respostas emergiram do

grupo: "brincadeira violenta", "briguinhas", "não sei falar não", "eu vejo como algo natural", "é típico de criança mesmo".

A desinformação e a naturalização sobre o fenômeno foram constantes nos discursos desses profissionais, contribuindo para que o *bullying* fosse retratado como evento próprio da idade, “coisa de “criança”. Segundo Fante (2005), existe pouca conscientização sobre o *bullying* nos meios educacionais, evidenciando o despreparo para lidar com a violência, que é negada ou encarada como "normal" entre os educadores.

É imprescindível a sensibilização e o envolvimento da comunidade escolar na compreensão e redução do fenômeno. Uma das formas de prevenção pode ser iniciada por meio da qualificação dos profissionais, com o objetivo de compreender o *bullying*, bem como o conhecimento de estratégias de intervenção.

Este estudo aponta para a importância do aprofundamento das discussões sobre o conceito de *bullying*, e para ampliar o contexto de análise, com o entendimento de que os vínculos estabelecidos na escola, em especial professor e aluno, são elementos fundamentais no processo de constituição do fenômeno.

A compreensão sobre o *bullying* exige o reconhecimento da violência como elemento social significativo na sociedade contemporânea e perpassa as relações escolares sob formatos diversos. O desenvolvimento do presente estudo permitirá compreender que o cenário de violência na escola está ancorado em relações entre estudantes. Aprender sobre o *bullying*, identificar o cenário violento da escola e pensar estratégias de enfrentamento é um desafio significativo, mas fundamental aos diversos segmentos que compõem o universo educacional.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Débora Cristina; ZUIN, Antonio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia e Sociedade**, vol.20 n.1 Porto Alegre Jan./Apr. 2008, 33-42. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a04v20n1.pdf> Acesso em: 03 de março de 2019.
- AUGUSTO, José; FANTE, Cleo. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. 1ª Ed. Artmed, 2008.
- BRASIL**. Lei nº 17335, de 10 de outubro de 2012.
Disponível em:
<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=exibirImpressao&codAtor=77838> Acesso em 26 de março de 2019.
- BRASIL**. Lei nº 13185, de 06 de novembro de 2015.
Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/253144600/lei-13185-15>
Acesso em 26 de março, de 2019.
- CAMPOS, L. M. L. A rotulação de alunos como portadores de distúrbios ou dificuldades de aprendizagem: uma questão a ser refletida. **Idéias**, São Paulo, n. 28, p. 125-140, 1997.
- CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2008, vol.13, n.37, pp. 45-56. ISSN 1413-2478.
- COSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo?** Prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005. 224 p.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Helen.pdf>
- KINDER, L. H. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987. v. 1, p. 67-80.
- LOPES, A.C.B. **Estatuto da Criança e Adolescente e Instrumentos Normativos para Proteção Integral de Crianças e Adolescentes**. Curitiba: Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social, 2012.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MARTINS, Maria José D. Agressão e vitimização entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. **Revista Análise Psicológica**. Out. 2005, v.23, nº 4, p. 401-425. ISSN 0870-8231.

MARTINS, Maria José D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**. Ano 2005, vol.18, nº. 001, p. 97

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990. 385p.

ROCKWELL, Elsie. EZPELETA, Justa. A escola: relato de um processo inacabado de construção. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.2, pp.131-147, Jul/Dez 2007.

SEIXAS, Sonia Raquel. Diferenças de género nos comportamentos de bullying: contributos da neurobiologia. **Interações**. n.3, p. 63-97. 2009.

SILVA, Aida Maria Monteiro. **A violência na escola: a percepção dos alunos e professores**, 2002.

Disponível em: www.dhnet.org.br/inedex.htm

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; ARNT, Ana; RABUSKE, Anelise. A fabricação do corpo: efeitos da disciplinarização dos saberes e do corpo nas práticas escolares. *Gênero*, v. 7, n. 2, p. 117-136, 2007.

Disponível em:

<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/147/90>

TORO, Giovana Vidotto Roman; NEVES, Anamaria Silva; REZENDE, Paula Cristina Medeiros. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Psicologia: teoria e prática**. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 123-137, 2010.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 ago. 2019.